

**CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA**  
**18 e 20 de Dezembro de 2021**  
**SIMONE SIGNORET E YVES MONTAND: CAMINHOS PARALELOS**

**LE CHAT / 1971**  
**O Gato**

*Um filme de Pierre Granier-Deferre*

*Argumento:* Pierre Granier-Deferre e Pascal Jardin, baseado no romance epónimo de Georges Simenon (1967) / *Diretor de fotografia (35 mm, cor):* Walter Wottiz / *Cenários:* Jacques Saulnier / *Música:* Philippe Sarde; a canção “Le Temps des Souvenirs”, por Jean Sablon / *Montagem:* Jean Ravel / *Som:* Jean Rieul / *Interpretação:* Jean Gabin (*Julien Bouin*), **Simone Signoret** (*Clémence Bouin*), Annie Cordy (*Nelly*), Harry Max (*um operário reformado*), Carlo Nell (*o agente imobiliário*), Yves Barsacq (*o arquiteto*).

*Produção:* Lira Films, Cinétel, Gafer, Comacico, Unitas Film / *Cópia:* 35 mm, versão original com legendas electrónicas em português / *Duração:* 89 minutos / *Estreia mundial:* Festival de Berlim, Junho de 1971 / *Estreia em Portugal:* Lisboa (cinema Império), 23 de Setembro de 1971 / *Primeira apresentação na Cinemateca:* 6 de Maio de 2004, no âmbito do ciclo “A Luz Fixa das Estrelas”, no qual foi inserido um capítulo “No Centenário de Jean Gabin”.

\*\*\*\*\*

**O Gato** é uma espécie de epitáfio cinematográfico de Jean Gabin e este é o principal ponto de interesse do filme, independentemente do interesse em (re)ver um bom exemplo do cinema neo-clássico francês dos anos 70 e do confronto entre Gabin e Simone Signoret (ambos receberam os prémios de melhor ator e melhor atriz no Festival de Berlim). O filme ilustra uma certa tradição cinematográfica francesa de fazer muito com pouco, contando uma história extremamente simples e tirando dos atores desempenhos “minimalistas”, completamente opostos à tradição americana do exagero. Imaginemos uma vedeta americana no papel de uma ex-artista de circo bêbeda. É claro que estaria sempre a dar gritos, a partir garrafas e a sair semi-nua pela rua para brigar com os vizinhos e os com homens do lixo, na esperança de arrancar um Oscar com um “papel de composição”. O marido “comporia” um sotaque italiano ou irlandês (o dela seria irlandês ou italiano) e passaria o dia a falar de basebol com os amigos, com quem também jogaria às cartas. É melhor nem pensar nas proezas que faria o gato. E é claro que os dois não poderiam morrer, muito menos por suicídio. Em **O Gato**, filme francês de 1971, feito por um artesão sem ambições desmedidas, tudo o que é supérfluo é suprimido para que aquilo que está no cerne da história seja ampliado, como sob o efeito de uma lupa. É verdade que o realizador é ajudado pelo facto de filmar uma história de Simenon, escritor que é um modelo de secura e anti-sentimentalismo, o que o ajuda a evitar os clichés do cinema francês, como os personagens secundários “pitorescos”. E como todos os filmes realistas, **O Gato** adquiriu com o passar dos anos um matiz documentário: a túnica de Simone Signoret, o vestido de Annie Cordy, o supermercado e o papel de parede do quarto do hotel (triângulos laranjas e castanhos!) são signos extremamente precisos de uma época e uma prova suplementar de que os anos 70 foram o período de mais pavoroso mau gosto de todo o século XX. Por outro lado, Simone Signoret é o perfeito reflexo cego de Jean Gabin, na pele de um personagem menos estóico e menos indiferente ao mundo do que o dele e aquilo que ambos conseguem transmitir sem palavras dá um peso inegável ao filme.

**O Gato** é um autêntico epitáfio de Jean Gabin, pois não é o seu último filme (ele ainda faria seis outros), mas segundo diversos testemunhos foi o último pelo qual se interessou. Nesta etapa final do seu percurso Gabin podia trabalhar em piloto automático e deixara de ter uma relação afetiva com os filmes que fazia. Geria o seu

patrimônio de vedeta, a sua imagem, calculando com quem trabalharia, interessado pelo cinema apenas como um meio de financiar as suas custosas fantasias, o luxo de ter uma herdade na Normandia com vacas leiteiras e cavalos de corrida de atrelagem. Disse-o numa entrevista, em alto e bom som. Cada vez mais misantropo, dava-se ao luxo de ser um camponês de luxo. Ele, que trabalhara na juventude com alguns dos maiores realizadores franceses (Renoir, Carné, Duvivier, Grémillon, todos no seu melhor período), que no momento da sua “travessia do deserto” (1946-1953) tomara riscos, a partir de 1960 instalou-se numa certa rotina de vedeta. Gilles Grangier, Jean Delannoy e Henri Verneuil (com quem fez dois excelentes filmes de género, **Mélie en Sous-sol** e **Le Clan des Siciliens**) foram os seus realizadores prediletos nesta fase e é muito provável que lhes faltasse coragem ou até vontade para contrariar Gabin. Com **O Gato**, Gabin tomou algum risco e investiu-se no que fez. Teve a coragem de reencontrar os personagens da sua juventude, que encarnavam a classe proletária francesa (quer fossem trabalhadores, quer fossem delinquentes), não apenas envelhecidos e reformados, mas deslocados no mundo em que viviam, sobreviventes de um mundo que já não existia. Em 1971, a ideia de que em França existiam “colarinhos azuis” e que a classe operária era proletária era, em parte, um mito (o filme é um objeto de uma época em que havia absoluta prosperidade e pleno emprego). Num país como a França, os operários já se tinham tornado pequeno-burgueses. O que presenciamos em **O Gato** é o fim deste mundo, operário, proletário, cujos membros têm dignidade e consciência de classe (“*para termos a nossa reforma foi preciso reuniões como essa*”). Mundo que desaparece literalmente diante dos nossos olhos: as velhas casas habitadas pela classe operária são demolidas e substituídas por modernos prédios de escritórios. Este velho mundo é expulso do mundo, o seu tempo já passou, os seus habitantes são expropriados da sua identidade de classe, assim como o casal de protagonistas é expropriado da sua modesta vivenda. A sequência em que Gabin e outros passantes param para observar a demolição de um prédio assume um valor nitidamente simbólico, de luto sem sentimentalismo. Para um homem na posição de Gabin em 1971, um ator popular, detestado pela crítica mais ambiciosa e pelos espectadores mais sofisticados, que só descobririam o seu grande período depois da sua morte, era necessária uma certa coragem para aceitar um papel como este. Um papel que não é atravessado por nenhum drama particular, apenas pela velhice e pelo facto de se estar farto de viver. É como se o personagem de **La Belle Equipe** reaparecesse diante dos nossos olhos trinta e cinco mais tarde, transformado num ser totalmente banal. **O Gato** é um filme que faz referência indireta ao mito de Jean Gabin, às várias dezenas de filmes que ele tinha feito até então. Talvez não consigamos ressuscitar os seus antigos personagens através do seu rosto, mas lá estão eles, subjacentes, lá está o mito que ele encarnou, do herói ou anti-herói proletário. **O Gato** foi feito em tempos de outros mitos e Gabin teve a coragem de enterrar muito conscientemente com este filme o magnífico cinema que fizera na juventude. E embora este elemento venha da história de Simenon, o suicídio de Gabin no filme ecoa os suicídios dos seus personagens em alguns dos grandes papéis dos seus anos de ouro, como em **Pépé le Moko** e **Le Jour se Lève**. Um suicídio autenticamente solitário, sem que nunca vejamos o cadáver ou sequer o rosto da ex-amante que o levou ao hospital. “*O coração não resistiu*”, fecha-se a porta do bloco operatório e acabou-se. Jean Gabin teria merecido morrer para o cinema com este filme, no qual a sua morte cinematográfica é encenada de modo bem mais interessante do que parece aos que repetem clichés sem se darem ao trabalho de examinar os filmes.

Antonio Rodrigues